

Corpos que (se) representam em Lygia Fagundes Telles

Adriana Mattoso Rodrigues

Porque Lorena toma banho o tempo todo? Porque Lia não liga para a própria aparência? Teria Ana Clara sido sempre frígida? Qual a razão da anorexia de Ana Luíza? Porque Raíza corta e limpa as unhas constantemente? Cada uma dessas personagens de Lygia Fagundes Telles esconde traumas e problemas que tentam se revelar através de seus corpos. As respectivas protagonistas de *As Meninas*, *O Espartilho* e *Verão no Aquário* estariam dando sinais de um possível pedido de ajuda ou tentando transgredir a ordem através de atitudes “pouco convencionais”. Sutis o suficiente para passarem despercebidas, seriam esses pequenos “pecados” uma manifestação dos traumas sofridos por cada uma delas ou um retorno inconsciente de desejos e impulsos reprimidos?

Quando Freud diz que a excessiva repressão dos desejos libidinais pelas exigências sociais dá origem às neuroses e que essas coerções não trazem benefícios à coletividade (FREUD, p. 35) ele abre espaço para que se discuta as interdições sexuais impostas tanto à homens quanto, principalmente, às mulheres (tendo em vista que da maioria de suas pacientes era composta por mulheres). Se o corpo feminino sofre a maior parte das sanções, repressões e imposições sociais, nele poderemos encontrar também sinais de uma resposta – representada pelo inconsciente dessas personagens.

Há uma certa unanimidade entre os críticos ao classificar a escritora Lygia Fagundes Telles como uma escritora “profunda” ou “psicológica”, sempre destacando seus diálogos introspectivos. Em muitos desses críticos, os comentários e análises param por aí, ocupando no máximo um parágrafo de suas obras concisas a respeito da Literatura Brasileira. O que se pretende analisar aqui é o quê vai muito além de apenas diálogos introspectivos. A autora possui uma capacidade impressionante de construir personagens densas e complexas que possuem toda uma linguagem psico-corporal nas pequenas neuroses e TOCs que se deixam descobrir ao olhar atento de quem lê suas obras.

O que é dito aos corpos femininos?

Se os corpos femininos tem a função primordial de agregar valor simbólico aos homens¹, qual seria seu significado para as mulheres? Ao terem seus próprios corpos definidos por categorias masculinas as mulheres sentem a necessidade quase que constante de agradar sexualmente aos homens com sua aparência. Mesmo quando não compreendida conscientemente essa necessidade se impõe

1 BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*

através dos padrões de beleza e dos comportamentos socialmente impostos. Um objetivo desse controle é a manutenção do poder masculino burguês que para se estabilizar individualizou e isolou os corpos assim tornando-os dóceis, fracos e domesticados². Era mister estabelecer uma diferença entre o normal e o delinquente (ou o outro), a mesma estabelecida entre mulher e homem pela lógica cartesiana.

Tamanhas exigências só reforçam a necessidade de expressão do reprimido. Um corpo que aguenta calado toda repressão sexual inerente à condição feminina dá sinais de uma resposta velada, pois seu oponente é um mecanismo muito difícil de combater por sua grandeza e invisibilidade. Mal compreendido pelas vítimas, que lançam mão de reações que no lugar de impedi-lo acabam por ferir a si mesmas. Sem entender essa microfísica do poder, as mulheres se contentaram ao considerado “natural”, “normal”, ou, em não ser o “desajustado”. O que é o paradigma da “normalidade” para uma mulher? Certamente é fácil citar pelo menos três características: bons modos, virgem e prendada. Esse é o valor simbólico do qual fala Bourdieu, que no lugar de valorizar as mulheres, serve para afirmar a virilidade masculina. Outras tantas vezes a compreensão do processo de dominação não é suficiente para libertar as mulheres, pois sua penetração é profunda e arraigada nos mínimos valores culturais; assim, uma “vitória” apartaria a vencedora da sociedade.

As mães são as responsáveis por “domesticar” suas filhas para que elas tenham, além de tudo, um maior valor simbólico. O conflito se instaura, segundo a psicóloga Susana Pravaz, porque a mãe antes de ser mãe foi filha e carrega consigo mágoas e ressentimentos do convívio com a própria mãe. A dúvida transita em fazer a filha triunfar onde falhou e tentar mudar aquilo que a seu ver a própria mãe fez errado – o *mandato familiar*. Essa tríade avó-mãe-filha cria mulheres que agem em resposta ao comportamento de duas gerações. Cada comportamento produz reações corporais específicas. Aquilo que é dito aos corpos femininos; “seja belo, seja atraente, mas seja difícil”, gera uma incoerência que vai ser debatida além da esfera do consciente.

O quê esse corpo tenta dizer?

Esse corpo tão pouco individualizante apesar de individual seria duplamente a prisão e o refúgio da alma de cada uma dessas mulheres que tentam imprimir neles inutilmente sua marca pessoal, seu livre arbítrio. Assim sendo quando esse homem burguês passa a controlar o poder em suas mínimas instâncias, de forma fragmentada para que seja irreconhecível, o controle do corpo feminino pelas próprias mulheres, segundo os parâmetros masculinos, torna-se a legitimação do poder da dominação masculina. É então o corpo feminino o local onde se manifestam essas pressões sociais que revelam

2 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*

sinais desse conflito entre id feminino e ego masculino.

Lorena, a garotinha da mamãe, foi criada para ser perfeita, a dona-de-casa perfeita. Vive na sua concha onde tem tudo que precisa e a mantém na mais perfeita ordem e organização. Tudo isso contrastando com a confusão em que se encontram seus desejos. A jovem precisa de banhos constantes para acalmar as ideias e o corpo, além de um grande esforço para substituir as eróticas imagens que faz das duas amigas por alguma masculina que lhe pareça adequada. Falando a respeito da própria virgindade a personagem não quer encarar o problema:

E tem também esse drama da minha virgindade. Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provoco o assunto (...). Mas de repente me vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame (...) (*As Meninas*, p. 115)

Essa recusa em resolver o problema é fruto da impossibilidade de dar vazão à sua sexualidade, pois ela não se adequa a sua posição social. O problema parece preocupar também a mãe de Lorena, que chega a questionar Lia sobre a sexualidade da filha.

— Fico tão feliz por saber que continua pura — murmurou com uma expressão de beatitude. Mas logo a testa se franziu. A voz ficou embaçada: — Você não acha que ela se interessa pouco por sexo? Tenho às vezes tanto medo, está me compreendendo? Aumentou tanto ultimamente, você sabe, essas moças. . .

Mastigo mais um bombom.

— Não quero ser rude, mãezinha, mas acho completamente absurdo se preocupar com isso. A senhora falou em crueldade mental Olha aí a crueldade máxima, a mãe ficar se preocupando se o filho ou filha é ou não homossexual. Entendo que se aflija com droga e etcétera mas com o sexo do próximo? Cuide do próprio e já faz muito, me desculpe, mas fico uma vara com qualquer intromissão na zona sul do outro, Lorena chama de zona sul A norte já é tão atingida, tão bombardeada, mas por que as pessoas não se libertam e deixam as outras livres? Um preconceito tão odioso quanto o racial ou religioso. A gente tem que amar o próximo como ele é e não como gostaríamos que ele fosse. (*As Meninas*, p. 240)

A sua mania por limpeza e organização é uma racionalização, uma forma de se limpar dos pensamentos impuros. E seus constantes banhos revelam que a personagem se masturba constantemente, pois ela revela o hábito ao descrever sua segunda masturbação no trecho abaixo:

“Entrei na banheira vazia, deitei-me no fundo e abri a torneira. O jorro quente caiu no meu peito com tamanha violência que escorreguei e ofereci a barriga. Da barriga já pisoteada o jato passou para o ventre e quando abri as pernas e ele acertou em cheio senti num susto a antiga exaltação artística (...)” (*As Meninas*, p. 21)

Lia é a jovem revolucionária que parece ter mais consciência da sua condição, tanto feminina

quanto de revolucionária. A estudante de ciências sociais que já realizou estudos sobre o comportamento sexual das jovens universitárias brasileiras,rega seus estudos com pensamentos extraídos de Simone de Beauvoir e por influência de suas duas posturas, feminista e de esquerda, se esforça para tomar o controle de seu corpo e sua sexualidade. Mas entre a luta contra o regime ditatorial e a espera por notícias do namorado, ela acaba se encaixando no papel da mulher compreensiva que serve para atestar a virilidade masculina. Seja de seu amigo de luta, seja de seu namorado. Podemos ver no seu comportamento um problema a partir do momento em que a personagem se lamenta ao pensar que nunca terá uma vida “normal” – de mãe e dona-de-casa. Fica claro no trecho a seguir que sua postura é mais influenciada pelo namorado do que pelo que ela realmente deseja:

Miguel não quer saber de filhos, pelo menos por enquanto. Concordei, é evidente, mas tenho às vezes tanta vontade de me deitar como essa gata plena até à saciedade, tão penetrada e compenetrada da sua gravidez que não tem no corpo lotado espaço sequer pra um fiapo de palha. (*As Meninas*, p. 218)

Acaba agindo como se seu corpo servisse apenas para o deleite masculino e não para o próprio. Daí o desleixo com a aparência significar mais do que apenas uma consciência e o domínio do próprio corpo.

Ana Clara (ou Turva) é a menina vinda da classe proletária atormentada pela violência sexual sofrida na infância. Curiosamente a estudante de psicologia não consegue se livrar do trauma do abuso, o qual tenta esquecer com a enorme quantidade de drogas que ingere. As causas que a personagem atribui para o abuso são combatidas por ela dentro de uma lógica que a reinsere nas condições de abusada. O plano de enriquecer da jovem modelo consiste em gastar um dinheiro que não tem em roupas caras para conquistar um homem rico e assim não sofrer mais, mesmo tendo que manter relações sexuais que não lhe proporcionam prazer com um homem que não ama. Para conseguir levar o plano adiante ela lança mão de drogas, lubrificantes e cirurgias de revirginização. O principal patrimônio de Ana Clara é seu corpo, com o qual pretende abandonar a pobreza que em seu raciocínio foi a causa do abuso. O desleixo e a friidez da personagem revelam que ela sofre abusos constantes. O fato de amar o namorado e não sentir prazer com ele é mais um sinal de que as relações sexuais que mantém com ele servem apenas para agradá-lo.

Max eu te amo. Eu te amo mas não sinto nada nem com você nem com ninguém. Faz tempo que já não sinto nada. Travada. (*As Meninas*, p. 33)

Uma personagem das mais complexas no universo lygiano, Ana Turva faz uso das drogas também para aliviar a dor psíquica que sente em relação ao estupro que sofrera na infância e a situação

de miséria em que vivia. Esse estado alterado de consciência é incapaz de proporcionar paz à jovem, pois permite que o inconsciente traga à tona as várias lembranças que foram reprimidas com muita dificuldade. Alguns exemplos são a cena da barata que ela afoga no fubá com couve revelando a dificuldade financeira e o ambiente sujo em que vivia.

Inteligentes essas baratas, mas eu era mais inteligente ainda e como conhecia seus truques foi fácil agarrar a mãe delas pelas asas abrir a panela e jogar ela lá dentro. Tome a agora sua sopa com a baratona eu disse chorando de medo enquanto ele sacudia minha mãe pelos cabelos e ia me sacudir também bêbado de não poder parar em pé. (*As Meninas*, p. 38)

Há ainda um deslocamento no relato do estupro onde a personagem narra a história da perda dos botões da blusa enquanto a violência praticada pelo Dr. Dentinho aparece como pano de fundo.

Onde será que foi parar o meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo por que os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos para não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? (*As Meninas*, p. 38)

Ana Luísa, a jovem tímida, dependente emocional e economicamente da avó, tenta imprimir sua marca no único veículo que lhe é possível, o corpo. Sua anorexia assume o papel de enfrentar a dominação exercida pela avó. Seu físico seria então uma provocação direta às normas sociais que exigem que uma jovem pertencente a uma família rica como a dela deva ter bom porte, usar boas roupas, ser bonita, graciosa e virgem. A personagem regride de um certo modo. Antes da descoberta da sua ascendência judia ela poderia ser digna do amor e das qualidades da avó. Nesse período era uma criança graciosa e desenvolta. Após a descoberta da sua herança judaica, Ana Luísa torna-se uma pessoa reclusa, introvertida e sem graça, como mostra o trecho abaixo citado pela narradora.

Você mudou muito, Ana Luísa. Estou abismada com essa sua mudança tão repentina”, disse minha avó enquanto podava uma roseira. (...) fazia tudo por mim, os melhores colégios, as melhores roupas. E eu naquela apatia, como se a evitasse. (...) Chego a pensar que está com medo de mim. (*O Espartilho*, p. 45)

Mais a frente ela completa: “Interessante... Você está muito parecida com a sua mãe. Seguindo a leitura fica claro seu comportamento a raiva e o medo que a personagem passa a sentir pela avó. A defesa é a fuga, a reclusão, a anorexia e a regressão à fase anterior ao trauma.

Fechei-me no quarto com os meus livros. Com meus discos. Ouvia música e lia, lia sem parar. (...) Inventei fazer um curso de línguas mais para justificar a minha porta sempre fechada, Preciso estudar avó. (...) E ficava horas estendida na cama, comendo tabletes de chocolate. Abraçava meu pequeno urso de pelúcia e dormia com a cara escondida no seu focinho. Às vezes, falava no ouvido da minha boneca de vestido de tafetá rosa

antigo, completamente desbotado. Só queria usar sapatos já gastos, afeitos aos meus pés. E roupas de cores tímidas, que não despertassem a atenção de ninguém (...) (*O Espartilho*, p. 49 - 50)

Raíza, a confusa e ácida protagonista de *Verão no Aquário*, sofre demasiadamente com a morte do pai e a distância da mãe. Ela nega qualquer defeito ou culpa que o pai possa ter pelo fim do relacionamento com a mãe e por sua internação numa clínica de recuperação.

A personagem possui a estranha mania de limpar as unhas diariamente com um pau de laranjeira, regá-las à óleo de amêndoas e lixá-las. Seria uma prática simples visto que Raíza é pianista, mas ao longo do romance percebemos que a personagem não toca há anos e que sua mania se define antes como TOC do que como um simples hábito de quem precisa das mãos para trabalhar. Essa faxina aparece em diversos momentos do livro, quando a personagem tenta deixar a rotina boêmia e 'suja' para dar lugar à uma vida mais séria. Parece que as unhas foram as únicas coisas que restaram do seu talento, como fica claro na citação abaixo:

Cruzei as mãos sob a nuca. De tudo restara apenas o hábito melancólico de cortar as unhas rentes. (*Verão no Aquário*, p. 43)

Já na citação a seguir, Raíza é indagada pela prima, Marfa, que acaba fazendo uma análise psicológica do costume da outra.

(...) Que é que você está aí escovando?
Sentei-me no banco ao lado do lavatório.
– As unhas.
– Você tem mania com as unhas.
– Fernando também já me disse isso.
– Você precisa de divã, vou lhe apresentar o meu bruxo.
Deixei a espuma escorrer pelos pulsos e pingar no chão.
– Mas só por causa das unhas?
(...)
– É preferível que inicie o tratamento por causa de um detalhe apenas, compreende? Você vai lá pra saber porque olha tanto para as unhas e acabará descobrindo que aos dez anos quis enforcar sua mãe com a fita do cabelo... (*Verão no Aquário*, p. 56)

Apenas dez páginas depois, o ritual aparece novamente, num momento onde Raíza tenta se conciliar com Deus, pedindo compreensão por suas faltas e achando que Jesus talvez a entendesse melhor, pois vivera entre nós.

Abri o vidro de óleo de amêndoas e nele fui mergulhando as pontas dos dedos. Um cheiro adocicado espalhou-se no ar. Com o pauzinho de laranjeira, afastei a película das unhas para que nelas penetrasse o óleo. Mas Deus não usava sandálias, só Jesus as tinha usado um dia. Jesus talvez me entendesse mais, Ele que já estivera entre nós, que já chorara como nós e como nós sentia o mesmo desespero. O mesmo vazio. (*Verão no*

A observação atenta do comportamento dessas personagens, acrescida ao foco narrativo que se alterna entre heterodiegético e autodiegético nos dá a impressão de observar as personagens em todos os aspectos, tanto penetrando em seus pensamentos quanto olhando-as enquanto refletem em busca de uma possível respostas. Esses corpos não sabem o que responder, sentem-se acuados e reagem debilmente ferindo a si próprios.

O que esses corpos nos dizem?

Uma das melhores curas para os problemas psicológicos, segundo Freud, consiste na sublimação – transferir o desejo para alguma atividade de fim artístico, em sentido oposto, que gastasse toda a energia necessária para reprimir esse impulso. Essa sublimação proporcionaria também uma conciliação, pois o desejo reprimido, contrário à moral e às normas sociais, seria transferido para uma atividade “produtiva” e socialmente aceita. Difícil imaginar uma sublimação bem sucedida quando se faz parte de um segmento social restrito ao ambiente doméstico e a atividades sem prestígio.³

Entretanto, dentro desse universo de personagens tão ricamente construídas do ponto de vista psicológico, encontra-se um ardil da autora para que as leitoras se identifiquem com as personagens. Esses sinais não deixam de proporcionar uma leitura singular a respeito da condição da mulher brasileira contemporânea. A atualidade dos textos escritos a mais de 20 anos (em média) está na riqueza de detalhes com que a autora trabalha a psiquê de suas personagens, de maneira que possamos nos identificar com o “oculto” delas. Mais do que isso, Lygia parece querer nos dar um recado. Por trás dessas jovens cheias de neuroses encontra-se ainda a dominação masculina. Problema ainda não resolvido, o dilema principal de suas obras, narrativas de formação incompletas, pode ser resolvido na esfera real. Basta apenas transportar para o primeiro plano algo tão importante que se esconde como pano de fundo.

Talvez o recado que a autora imprime nos corpos de suas personagens ao fazer o leitor mergulhar em suas mentes e ler os traumas que estas tentam a todo custo esconder, é o de que ainda somos corpos dóceis esperando por uma aprovação, acumulando ansiedades, projetando a nossa covardia numa “culpa materna”. Esquecendo que a sublimação pode não ser cura e que essas pequenas neuroses funcionam como uma reação contrária a essa dominação esmagadora. Pode-se controlar corpos quando são dóceis, mas continuarão eles sendo dóceis ao habitarem mentes agressivas e sagazes?

3 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Éditions du Seuil, Paris: 1998 et septembre 2002 pour la préface.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. XI – *Cinco conferencias de psicanálisis, Un recuerdo*. 2ª ed. Buenos Aires: Amorroutu.

PRAVAZ, Susana. *Três Estilos de Mulher: a doméstica, a sensual, a combativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

TELLES, Lygia Fagundes. *Verão no Aquário*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1963.

_____. *As Meninas*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.

_____. *O Espartilho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.